



VIRGINIA DEL CARMEN PIRELA ALVARADO (ORG)

I COLETÂNEA INTERCULTURAL

contos, crônicas e poesias
das vozes femininas imigrantes.





I COLETÂNEA INTERCULTURAL

*contos, crônicas e poesias das
vozes femininas imigrantes.*

Virginia Del Carmen Pirela Alvarado (Org.)

VIRGINIA DEL CARMEN PIRELA ALVARADO (ORG.)

I COLETÂNEA INTERCULTURAL

*contos, crônicas e poesias das
vozes femininas imigrantes.*

1ª EDIÇÃO

QUIPÁ EDITORA

2022

Copyright © dos autores e autoras
Todos os direitos reservados

Esta obra foi publicada pela Quipá Editora em abril de 2022. O conteúdo, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade da autora. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694 I coletânea intercultural: contos, crônicas e poesias das vozes femininas imigrantes / Organizado por Virginia Del Carmen Pirela Alvarado . — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022.

63 p. : il.

ISBN 978-65-5376-030-1

1. Literatura - Poesia. 2. Contos. I. Título.

CDD 890

Sumário

Prefácio	05
Os fantasmas da Caracas colonial	09
Uma pequena parte de mim	11
Crônica de uma viajante	14
Diário de memórias	18
Amor e independência	20
A caminho da senzala	24
Príncipe do oriente médio	27
Um novo mundo	29
Relato de viagem	31
Para as terras acima das águas	38
Venezuela de meus sonhos	42
Amantes de domingo	44
Essa voz	45
Tudo começou com a inquietude de um sonho	46
Anarquia no meu ser	50
Vai dar tudo certo	52
Viagem desde cuba	54
Mulher	63

Prefácio

Confesso que ao ser convidado para escrever este prefácio a uma coletânea de escrita feminina fiquei em dúvida: senti-me um pouco desconfortável. Por que eu, escritor masculino, tenho que escrever sobre escrita feminina? Não seria mais adequado que uma mulher escrevesse sobre textos femininos? Antes de aceitar o convite, refletindo sobre o tema, lembrei-me das palavras de Barbara Godard, crítica feminista canadense, que me orientou em meu trabalho no Canadá sobre obras de mulheres canadenses. Godard dizia que prestar solidariedade, reconhecer o trabalho do outro é diferente de assumir uma postura colonizadora. Fazia-me lembrar de que um homem também aprende muito com obras femininas, e quem reconhece isso, pode elevar a escrita da mulher. Portanto, aceitei o convite, sem pretender dizer que entendo de “L`Ecriture Feminine”, mas aprecio muito e me alegro ao ver mulheres escrevendo, mulheres da periferia que supostamente não teriam suas dores, suas ansiedades e seus sonhos ouvidos e considerados em outros tempos e outros ambientes.

“Pode o subalterno falar?” pergunta a crítica indiana Gayatri Spivak, ao sugerir que dificilmente uma pessoa colonizada do “Terceiro Mundo” pode ter sua voz ouvida e considerada. Nós poderíamos simplificar a pergunta neste

contexto: “Pode uma mulher migrante da Venezuela em adaptação em outro contexto, falar”? Pode ser lida, pode receber a atenção que merece? Esta é uma questão pertinente hoje. Vemos várias mulheres se levantando para escrever para dizer que tem suas verdades, suas interpretações do mundo, sua história. E as histórias salvam vidas, como diz a nigeriana Chimamanda Adichie. As histórias de mulheres de Terceiro Mundo mais que tudo, são a salvação.

Normalmente quando falamos de mulheres escritoras que se rebelaram contra a posição masculina de “superioridade” em relação ao texto feminino, lembramos de Emily Dickinson que rejeitou os conselhos de seu mentor masculino Thomas Higginson que sugeria que os poemas dela precisariam tomar forma para serem publicados. Lembramos também de Virginia Woolf, é claro, que se rebelou contra as condições de escrita para uma mulher que eram sempre menos favoráveis do que para o homem. E aí vêm os exemplos das irmãs Bronte e muitas outras mulheres, todas do “primeiro mundo.”

É tempo de começarmos a citar como exemplo de mulheres que escreveram por rebeldia, por não obedecerem a “ordem” masculina, do “Terceiro Mundo” e de nosso país. É o caso de Maria Firmino, autora de Úrsula, romance publicado em 1859, que é considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. Assim, Carolina

de Jesus, Conceição Evaristo e muitas outras. Sem mencionar as mais canônicas como Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Lígia Fagundes Telles, Cora Coralina e muitas outras que, no seu tempo, não tiveram a mesma facilidade que um homem teria para escrever.

Embora algumas escritoras contemporâneas como Catherine Nichols relatasse que ao colocar um pseudônimo masculino seus textos foram mais elogiados do que com o nome feminino, aquela frase “escreve tão bem que parece um homem” é repugnante, considerada uma afronta nos dias de hoje. Então a sugestão do poeta britânico que sugeria que a caneta é uma metáfora do pênis (“Is the pen a metaphorical penis?”) está totalmente condenada e serve apenas para registro de como se pensava sobre a escrita feminina em outros tempos.

Esta coletânea de textos de mulheres migrantes da Venezuela confirma: as mulheres podem falar, as mulheres devem ser lidas. O livro que me foi apresentado reitera isso. Elas podem falar e nós precisamos prestar atenção em suas vozes. Devemos acolher com alegria, sem nenhum pré-julgamento, sem nenhum preconceito, mas com alegrias por termos entre nós textos tão diversos e tão significativos. São poemas e narrativas que expressam vivências, experiências, memórias, sonhos, expectativas e memórias. “Memórias e desejos” de mulheres estrangeiras, migrantes da Venezuela.

Acolhamos estes textos com alegria! Demos boas-vindas a estas escrituras, experimentemos o prazer de lê-las.

*Miguel Nenevé. Porto Velho
sobre o Madeira em 11 de março de 2022.*

Os Fantomas da Caracas Colonial

Diz a lenda desde as vozes das mães, tias e bisavós que quando a luz elétrica atingiu a cidade de Caracas, todos os monstros, bruxas e demônios que aprisionaram as mulheres e os homens saíram no escuro para encontrar o amor em alguma parte da capital.

Colonial Caracas, especificamente no século XVI na rua que circunda a Plaza Bolívar ronda no escuro o “anão da catedral”. O fantasma de Caracas, onde as ruas de Terra desse século representavam as penumbras da noite, esse fantasma apareceu sob a torre da Catedral, e ali, chegaram os homens que ficavam fora de suas casas e iam à busca de mulheres amigas da noite e do vinho.

O povo afirma que esse espectro malévolo segura um tabaco e acende uma fogueira no intento de parar qualquer transeunte que passasse após as 12 badaladas, acreditava-se ser do tamanho de uma torre. Augidos perturbadores quebraram a noite, com isto, populações noturnas a galope iam desesperadas a seus refúgios.

Também, famosa é a esquina dos animais localizada na freguesia da Candelária da capital, onde se podem passar

as noites acordado e ouvir os gritos, gemidos, murmúrios e cantos fúnebres, deziam que quando alguém morria ouviam a fera gemendo num canto que sempre deixava a noite sozinha. Espalhou-se o boato de que esses de gritos que se ouviram eram dos bichos do purgatório que vieram a procurar alguém que havia morto, dessa forma era popularmente chamado de canto dos bichos e é assim que se chama até então. Não se sabe o quanto dessas narrativas urbanas na modernização e a chegada da luz elétrica tem se escondido, são tantas as maravilhas que proveem daquela época, e até agora se escutam certos relatos de aparições no caminho os que ousam atravessar a noite escura, noite chegando ao interior de Caracas significa noites de cantos lúgubres.

Uma pequena parte de mim

Na luta por ser melhor, descobri como sou diferente, por vezes penso que não me encaixo em lugar nenhum, que sou uma daquelas peças que fazem parte de um puzzle (quebra-cabeça) perdido.

Pensei... E sim! Perdi-me muitas vezes nos meus pensamentos, e também perdi tempo a tentar encaixar-me na forma socialmente aceite de pensar dos outros. Revelar-me foi um sucesso, mas não antes de me descobrir, amar e compreender-me, aceitar-me, valorizar-me, educar-me, conhecer-me, conseguindo silenciar muitas dúvidas, evitando magoas e tristezas absurdas.

Claro que isso tem um preço, a razão de nossos sentimentos somos navegantes da nossa própria rota a construir. E lá vou eu, sendo capitã do meu barco; o tempo formou minha própria tripulação, um corajoso companheiro e duas jovens imprudentes, o meu barco também ajuda a carregar alguns membros da tripulação que, ao embarcar na viagem, ainda se sentindo um pouco perdidos perceberam que têm que desaprender para aprender, que a vida tem milhões de nuances e que o respeito por aqueles que pensam de forma diferente é a bandeira da humanidade, que somos muito mais do que

um corpo, mas um corpo que trabalha em harmonia, que temos de estar gratos e menos preocupados por o material, que somos seres livres e que o amor pode conquistar qualquer coisa.

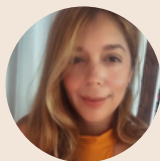
Deixar a minha zona de conforto, navegar em direção a águas estrangeiras, conhecer novas culturas, novas geografias, novas pessoas, viver experiências, aprender línguas, ler novos autores e escutar novos ritmos, fez-me evoluir alimentando de alguma forma minha alma e mente. Estou grata, porque nesta viagem também valorizei todo aquilo a que em tempos pertenci, valorizando-o também me fez valorizar a mim mesma e não me esquecer de onde venho e no que me tornei.

Nesta transformação compreendi que por vezes as marés estão calmas e por vezes só a vossa fé vos pode salvar das tempestades ferozes, que tudo passa que estamos sempre em movimento. Estou orgulhosa de quem sou, e do que alcancei no curso desta viagem de recomeços, acreditarei sempre nas primícias da felicidade.

Compreendo que nem todos gostam de mim, mas nunca quis que todos gostassem de mim, e certamente não ponho qualquer um no meu barco, a experiência ensinou-me que só aqueles que te amam bem e trazem consigo boas vibrações merecem um espaço nesta fabulosa aventura.

Nestas linhas só deixo sair uma pequena parte de mim, e se em algum momento se sentir como eu, então acredite, construa o seu próprio barco, encha-o com os seus sonhos, os seus planos, as suas virtudes e os seus defeitos, encha-o com os seus sucessos e as suas esperanças, mas, sobretudo com a sua fé, a fé que tem em si mesmo, acredite em si mesmo, acredite sem duvidar que seja possível, não precisa ser igual a ninguém, sentir-se orgulhoso de cada um dos seus esforços, das suas realizações, por menores que sejam celebrá-las e agradecer por cada amanhecer, cada respiração neste plano fugaz da vida, mas também deve sentir-se orgulhoso de cada queda dolorosa, daqueles que são a escola que o ensina, daqueles que sem dúvida o tornarão mais sábio e mais forte.

Viva e agradeça por ser único e não fique onde não se sente feliz, armar o seu barco e embarcar na sua viagem... Ninguém disse que era fácil, mas o que é certo é que é maravilhoso!



Autora: Franceline Hernández nasceu em Caracas, DF-Venezuela, em 14 de maio de 1983. É Lic. em Publicidade, morou em Chile seis anos, é voluntária e conservacionista ambiental. Mora atualmente no Estado do Rio de Janeiro-Brasil.

Crônica de uma viajante

Lembro-me como se fosse ontem, no dia em que saí de casa, com uma pilha de malas à volta da sala de estar da casa de minha mãe, tudo parecia estar em desordem, malas, sacos, o som de panelas de cozinha enquanto uma mãe entre triste e feliz preparava o que seria um almoço de despedida para sua única filha e neto vivo, uma massa deliciosa com molho de carne foi à última coisa que provei da minha mãe no dia em que saí de casa. Entre toda a comoção, tive tempo de enviar mensagem de texto a meu melhor amigo, disse-lhe entusiasmada que eu ia partir e que o meu namorado me apanharia no caminho, que viajaríamos de Valência-Venezuela para Manaus-Brasil, disse-lhe que tudo estava pronto e preparado, ele respondeu entusiasmado que em breve também iria deixar o país. Disse-lhe que viajaria diretamente para Puerto Ordaz, atravessando seguidamente Santa Elena de Uairén, de lá chegaria a Boa Vista, onde pegaria um carro para Manaus, entusiasmado e melancólico nos desejou uma boa viagem. O dia passou e às 17h00min horas saímos.

Passaram cinco anos desde esse dia, e na minha memória parece que foi ontem, as memórias voltaram à minha mente, do dia em que recebi aquele telefonema informan-

do-me da sua morte. Meu melhor amigo tinha saído também do país, outro caminho, outras fronteiras mais difíceis, só para corajosos, cheios de ilusões sem saber que seria seu fim. Escreveu-me todos os dias desde que parti, contando-me sobre as infinitas aventuras e explorações que lhe aconteceram quando deixou Venezuela, com um destino incerto.

Atravessou Colômbia, Equador, Peru, até chegar finalmente à Bolívia, disse-me como estava feliz quando aquele pequeno circo na Colômbia o contratou (uma vez que somos malabaristas de rua), todos os dias tinha um espetáculo e isso o fazia muito feliz, disse-me como era difícil fazer arte na rua devido à forte migração dos venezuelanos e como isso o afetava, no Equador gostava muito de ganhar em dólares (sempre nos rimos enquanto conversávamos), Também me disse como eram incríveis as antigas ruínas indígenas do Peru, até que finalmente a sua viagem parou na Bolívia, no lugar que sempre disse o quanto gostava, dizia que tinha belas paisagens, e uma cultura indígena muito forte, disse-me que gostava da comida lá, que achava que era diferente, mas sei a verdadeira razão pela qual decidiu ficar naquele país. Tinha-se apaixonado loucamente e queria viver a sua intensa história de amor, por isso dois anos passaram entre longas conversas por mensagens de texto, dois anos que passou apaixonado, mas que também enfrentou dificuldades.

A forte imigração dos venezuelanos pela América do Sul deixou consequências, sendo que já não se podiam fazer malabares nas ruas, disse-me que tinham que combater um espaço na cidade para ser prestigiado, conseguir trabalhar e obter algumas moedas para ganhar o pão, cada vez que se tornava mais difícil para si, acrescentou a isso a pandemia que também o afetou (adoeceu), foram tempos muito difíceis em que tentei dar-lhe encorajamento com palavras.

Depois disso tudo ficou pior para ele, recuperou-se do vírus e continuou a fazer malabarismos nos semáforos (não havia muito trabalho), agora compreendo que não foi honesto comigo e não comia bem, e assim, sem se aperceber, pouco a pouco voltou a adoecer. Escrevia desde o hospital no dia em que foste levado para urgências porque desmaiaste em casa (estavas muito fraco), lembro-me que brincámos dizendo que estávamos a envelhecer, enquanto me disseste que ias fazer exames, e assim passaram-se várias semanas, foi quando começámos a preocupar-nos e eu disse-te que faria uma campanha para te ajudar (com outros amigos que também te amavam).

Os dias passaram e a sua situação piorou, teve anemia e broncopneumonia, estava muito doente, mas ainda falávamos todos os dias, a campanha para ajudá-lo continuou, o dinheiro começou a ser recolhido, mas já

não falávamos todos os dias. Já estava muito doente e não podia responder, por vezes contava-me histórias do seu passado e até na sua situação me encorajava. Na terça-feira escrevi-te o dia todo e não atendeste, estava preocupada, mas pensei que querias descansar, queria saber como estavas e dizer-te que começaria a pintar a minha casa, não tive notícias tuas nesse dia, foi na quarta-feira ao meio-dia que o meu telefone tocou, estava a tomar banho e não atendi, quando saí do banheiro, tomei o telefone e ouvi uma mensagem de voz a dizer-me que tinhas morto, foi precisamente nesse momento que me lembrei do dia em que saí de casa.



Autora: Ilba Andreina Sánchez Bastidas nasceu o 25 de Janeiro de 1984 em Carabobo-Venezuela. Cursando o ensino superior em educação decidiu no 4º semestre começar a incursionar nas artes circenses realizando cursos profissionalizantes das artes circenses, levando-a a viagens ao exterior. Atualmente mora em São Luís- Maranhão e é produtora independente nas artes circenses e culturais.

Diário de memórias

Lembro-me de quando trocamos olhares, perdendo-nos naquele mundo que só tu e eu sabemos, um espaço onde o nossos medos e preocupações desaparecem, onde nos esquecemos do mundo, onde um olhar fala mais alto, paixões e desejos se refletem.

Lembro-me daquela vez em que os nossos corpos se juntaram naquele abraço que me ensinou a sentir, não queria que esse momento terminasse, queria que fosse eterno, não pensava em mais nada a não ser em como era belo e quente estar ai, me fazia sentir segura e protegida do mundo, as palavras que sussurravas ao meu ouvido faziam meu corpo voar na leve tentação de teus lábios, as tuas palavras eram como uma melodia que acalmava o meu medo dizendo que tudo ia ficar bem.

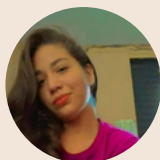
Lembro-me daquela noite fria sob as estrelas em que vieste e te sentaste ao meu lado. Passámos algum tempo sem dizer nada, só senti como tua mão e a minha se encontravam no calor possessivo da magia que produzia estar perto um do outro, nesse momento disseste-me como as estrelas são bonitas e eu respondi-te: - sim com um beijo. Depois olhaste para mim envergonhado com aquele ato sublime e, me dizes-te: - assim como gostas de

ver as estrelas eu gosto de ver teu rosto sorridente, fazes-me apaixonar ainda mais.

Lembro-me quando vos escrevi aquela carta, onde vos confessei os meus sentimentos. Escrevendo cada detalhe que amava em ti, fiquei acordada a pensar, o tanto que ansiava por cada segundo para te voltar a ver, onde não podia deixar de pensar em ti, onde adormecia e sonhava contigo, mas nunca tive a coragem de te enviar aquela carta.

Lembro-me daquela noite de filmes de terror em que nos acariciamos no sofá. Em cada susto nos abraçávamos em cada momento de suspense apertavas minha mão, em cada uma das tuas distrações eu olhava para teu rosto e me dizia, - isto é real?

Lembro-me que a lenda diz que o sol e a lua sempre estiveram apaixonados, mas nunca puderam estar juntos, porque a lua nasce ao anoitecer e o sol nasce logo ao amanhecer. Na sua infinita bondade, Deus criou o eclipse como prova de que não há amor proibido e impossível.



Autora: Juana Elizabeth Salazar Mendez nasceu em 13 de abril do 2005 no Estado de Bolívar-Venezuela, atualmente é estudante do 2º ano de ensino médio, escritora e idealizadora do blog “Historias de Elisabeth 15th” disponível em:<https://www.wattpad.com/user/elizabe15th>; mora em Mato Grosso- Brasil.

Amor e independência

Meu nome agora pouco importa, para muitos ainda sou uma ameaça para outros uma vergonha das republicas alicerçadas e fieis á coroa espanhola. Eu chamaria, mas bem traidores de seu povo, vendendo sua liberdade e riquezas ao imperialismo colonizador espanhol. Creio que o fato de ser mulher influenciou nos pensares, ainda assim vêm amigos a me visitar como Sucre e Rodrigues.

A lembrança de uma independência faleceu com Bolívar e na mão dos oligarcas agora esta o futuro econômico e a fome de muitos países de Latino América. Lembro nas batalhas com Sucre na Venezuela onde não importava no momento por qual ou tal pais estávamos lutando, estávamos lutando por a independência de todo um povo subjugado. Mas para o estado atual pouco importa e ao contrario, ameaçam seus postos essas ideias libertarias.

Agora esme aqui sem um peso para comer, o único que sobra é o peso do desinteresse de um povo que cambia o bem-estar de alguns, por sua própria liberdade. Situações que me tem levado ao exilio, já que o ser mulher revolucionaria e patriota é um ato criminoso, alguns movimentos revolucionários e feministas ainda continuam me apoiando e me chamando de a libertadora

do libertador, ate por que o mesmo Bolívar fez questão de me apelidar com aquele vocativo devido á aquela noite que consegui deter aqueles assassinos no seu quarto.

Era uma noite quente de mediados de setembro, lembro que foi no ano de 1828, por muitos chamados da noite setembrina, para aquele então ainda eu estava resistente aos chamados de Bolívar, já que dias antes ele tinha duvidado de mim quando eu falei sobre uma conspiração no baile de mascaras para conseguir assassina-lo, ainda assim ele foi! – Oh! Homem teimoso. Acho que ele achava que eu estava com ciúmes de que ele fora na festa, ou talvez desconfiou da minha hipótese por o banimento que tive dias antes na sua casa por ter fuzilado o boneco de Santander, mas no final de contas eu sempre tive razão. Santander o conhecido integrante do grupo “P” conformado por Paulo, Padilla e Páez são uns traidores ás pátrias e a Bolívar, intentaram desarticular a batalha por a libertação das nações em um intento de tirar a Bolívar do poder para conseguir vender ás nações ao Governo Norte Americano.

Ainda assim, eu morando fora da casa de Bolívar, mas a poucos metros dela e sendo ainda capitã de uns de seus batalhões consegui-me infiltrar em conversas de alguns dos achegados ao poder do Santander, sendo que muitas delas convergiam com minhas hipóteses de assassinato de Bolívar no baile de mascaras, sabendo disto o dia da

festa tentei alerta-lo, ele fazendo caso omissivo tive que me vestir de mendiga eu e minhas amigas fieis em batalha para fazer escândalo nas portas do palácio conseguindo com que Bolívar saísse dela envergonhado e estragando o plano dos assassinos, após dessa noite o coronel Fergusson avisou a Bolívar que o plano de assassinato estava realmente planejado para essa noite.

Após aquela noite, ele tentou falar comigo varias vezes, mas eu ainda estava incomodada com o acontecido, procurei dizer que tinha dor de cabeça, mas ele continuou insistindo. Estando lá, nossas divergências minimizaram, olhares fugazes se compenetraram abrindo senda ao amor pulsante que entre batalhas lutadas, convergências, ideais e paixões fazia de aquele amor um delírio sobrenatural. Entrada a noite no leito descansando, escutei o barulho dos cachorros e uma luta sem disparos estes acordaram rapidamente a Bolívar, procurou sair por a janela como tínhamos planejado anteriormente por si acontecia situação similar, mesmo com dificuldade ele conseguiu escapar, ficando eu no quarto para segurar os assassinos, ao entrarem e nada acharem batera-me inúmeras vezes, eu sem nenhuma arma no momento cedi á intuição da fragilidade. Horas após, consegui saber que Bolívar estava bem, a partir de ai fui chamada por ele como a libertadora do libertador, sendo chamada assim até agora.

Muitas guerras passaram até a morte de Bolívar, sendo esta causada por uma pneumonia falecendo na casa de San Pedro Alejandrino. A força e brilhantes estratégias faziam de nossos sonhos serem vistos realizados, no obstante, muitos deles ainda depois da sua morte precisam ser ganhos, eu sem forças já e com visível quebranto na saúde não estou conseguindo nem me manter, no exílio da Gran Colômbia estou hoje, ainda com apoio de alguns movimentos independentes e manifestações de populações conseguimos chegar aos ouvidos de multidões sedentas de liberdade política e social. Outros movimentos também se manifestaram como o caso de “Os patriotas” escrevendo cartas expressando seu profundo descontento com o estado Colombiano e a decisão de expulsar-me das suas terras. Mas assim é a vida não todas as batalhas são vencidas.

A caminho da senzala

Quando Ayana nasceu em mediados de 1558, os portugueses já tinham chegado dividindo e enraizando religião e política, claro que Ayana no berço simples proveniente de famílias esquecidas até do próprio governo angolano, não tinham direito a aquele tal de batismo cristão.

No seu lar ainda eram praticadas as pregações Kingunza/dmna onde mãe, tia e avo se expressavam com emocionantes cânticos, para muitos angolenses convertidos ao cristianismo, esquecendo rapidamente das raízes, os cânticos pareciam pecaminosos, mas nas ruas da Luanda ainda tinham movimentos resistentes à chegada de aqueles tais de santos.

Enquanto Ayana crescia, o sentimento de liberdade madurava junto, encabulada se sentia já que só em casa ela se pertencia, lá fora cada dia inclinavam mais estatuas com um tal de camões que ela não conhecia, santos, esculturas de pedra e gesso, um sacerdote que também era governador, para ela não isso não tinha fundamentação nem lógica, ainda que na escola ensinaram doutrinas que não tinham sentido com a realidade abominável que eclodia.

Aos poucos foi se libertando, ensinando e chamando a movimentos de resistência sendo que para ela não fazia sentido um povo que tinha que dar suas riquezas a cambio de religião, mesmo que a coroa, aquela que ficava muito longe e ainda levando mercancias, agora, não só, do solo, mas também levava á mãe de seu amigo, ao pai e até o tio. Nova onda de exportação escrava para novo mundo, ninguém sabia onde ficava só diziam que os estavam salvando de suas almas impuras.

Assim chegou Ayana a terra Bahiana, com esperanças de ver seu pai que já este tinha sido capturado faz alguns anos, mas na senzala onde ela conseguiu sua prisão, depois das adversas condições da sua viagem, conheceu a Bomani, inteligente e forte, sabia muito de agricultura, compartilhavam o mesmo sentimento de pertença angolana aquele sofrimento que traziam na lembrança, despertava em eles atração e revolução, tal vez uma fuga que ainda não podiam divulgar. Eles queriam ser parte de algo libertador, algo que desde seu nascimento nunca conheceram, que muitos sonhavam, mas preferiam tirar a própria vida pensando que iam voltar no espírito para sua terra.

Ayara e Bomani então planejaram a fuga, trazendo com eles tantos outros “rebeldes” expandindo em um novo mundo um novo povo, ajudando à colonização, è claro! Mas de forma diferente, agora com residência nos matos

do Brasil, criando resistência aos então donos á força de este novo mundo, a vida deu ao Brasil esse presente de raízes Africanas para fortalecer, orgulhecer e inspirar tantos movimentos, dando lições de coragem para não desmaiar nas dificuldades. A cada dia existindo uma razão para lembrar-se dos motivos das resistências, forças subestimadas por os agora donos de pensamentos ainda colonizadores, a luta é para sempre ou por enquanto tenha um algum vulnerável com raízes escravas.

Príncipe do oriente médio

E depois de tanto tempo
Uma alma jurada solitária
Abraçou a pureza de uns olhos cafés,
Ditados proibidos por a distancia
Achavam a forma de se ver.

Cabelos pretos e brilhantes
Semelhante á noite enluarada,
Sutil e nascente, amantes doentes.
Sem perceber a loucura
Entregam-se no inconsciente.

Doçura é seu nome,
Cavalheiro da gramatica
E majestosa ortografia,
Vestimenta majestática
Exclusividade tal vez o determina.

E ainda ela se perguntava
Será amor ou idealização?
Sabia e incorruptível razão
Se pode apaixonar sem tocar?
Tarde já era para pensar.

Na esperança de mil e uma noite
Dois seres flamejavam,
Se jurando amor com fogo e paixão
Ainda que a longitude assignava
O pensamento ia longe na lembrança.

Desta vez, amantes esperam
O reencontro em outros tempos.
Vida que traz sem avisar,
O amor puro e singelo
Persiste a dor de ter e não ser sentida,
Essa, sem previsão de partida.

Um novo mundo

Onde os continentes se misturam
Trazendo e levando, comercio perturbado
Os homens brancos se espertaram
Na colonização e “Resgate” do Angolano
Como quem cria gado capturaram
Homens e mulheres fortes e capacitados
Opulente agricultura, arte, cultura e religião
Saberes nos palmares além da dominação

Século das luzes, filhos do novo
Alguns nascidos em reinados
Outros em ventres escravos
Aumentavam os baianos
De vestido branco e peças de oro branco
A mulata faz a branca enxugar o pranto
Por serem agora formosas novas Donas
De casas onde as mestiçagens afloram.

No sul do novo mundo
Miscigenavam-se cores
Com dor profundo
Fugiam para o mato multidões
Praticando suas crenças e cultos
Um Brasil de feitiços e orações

Levanta-se um povo Cristão
Que pratica magia e crê em lendas do mato.

Eis aqui o novo mundo
Herança de povos entrelaçados
Africanos, Latinos e Europeizados
Descoberta do ouro preto, branco e dourado
Oh, Pureza! Dos que sofreram esses mistérios
Ainda nestes tempos sentimos os sacrilégios.



Autora: Virginia Del Carmen Pirela Alvarado nasceu em 6 de Setembro do 1987, em Carabobo-Venezuela. É Lic. Letras Português/ Inglês, Graduanda Serviço Social, Pós-graduada em Pedagogia Social, Pesquisadora. Voluntária de ações sócio/assistenciais. Mora atualmente em Porto Velho-Rondônia.

Relato de viagem

Somos muitas as pessoas que saíram de seus países deixando-o todo com a esperança de um futuro melhor eu sou uma delas, tendo que sair da minha zona de conforto para buscar novos horizontes. No princípio tinha medo sendo que não éramos os únicos em sair do país, varias famílias no meu bairro já foram desde sua terra natal. O país estava caindo a pedaços e os sonhos junto com ele, isto nunca tinha acontecido ninguém o esperava.

Meu esposo foi o primeiro em sair, precisava buscar uma solução, apesar de ter três trabalhos o dinheiro não alcançava para sobreviver, isso afeto muito a meus filhos sendo que nunca nos havíamos separados por tão longa temporada, mas chegou o dia, ele encontrou um amigo que o recebeu no Brasil, ele conta que quando chegou passou algum tempo sem trabalho não é fácil achar um trabalho no Brasil e ainda menos não sabendo falar bem a língua Portuguesa ele relata que é tão complexo intentar aprender uma nova língua de uma hora para outra, apesar de que algumas palavras sejam parecidas tem seu grau de dificuldade, algumas vezes ele ganhava uma diária conseguindo enviar dinheiro para nos, porem este ao se transformar na moeda nacional da Venezuela se desvalorizava não conseguindo alcançar para nosso sustento.

Às vezes escrevia por as redes sociais era o nosso único meio de comunicação, com esta separação tão drástica ele decide nos enviar um dinheiro, para a família poder viajar e nos reencontrar. Mesmo assim eu não estava preparada para esta decisão, pensei milhões de coisas que nos podiam acontecer no caminho, o medo tomava parte de mim, pensava como seria esta nova historia, pensava nos meus filhos e seu futuro, o risco de aquela viagem como seria chegar a um país de língua y cultura diferente, minha cabeça fazia um barulho enorme.

Ainda assim tomei a decisão e sai de meu lar uma noite e um caminho muito longo, chorando em pensamento já que era à força da família o sendeiro nesta viagem tão cheia de incertezas, chegando lá na noite profunda e tardia no meio das fronteiras Brasil- Venezuela, de amplas planícies, espiritualidades indígenas e amazônicas em conjunto se sentiam no local, tinham diferentes agentes de segurança sempre atentos e prestativos, intentávamos entender como tirar nossas documentações e eu não conhecia aquela língua só espanhol e um pouco de inglês, minha dificuldade para dar-me a entender era enorme, eles falavam e eu respondia em inglês, me olhando de forma estranha dentro de mi eu dizia. - agora que eu fiz?

Não me conseguindo dar a entender, fiquei perto de uma mulher estava me ajudando a falar, ainda assim era muito tarde para tirar documentação e nosso dinheiro já tinha

acabado sendo que a viagem saiu muito mais custosa do que tínhamos planejado, nosso país de origem passa por uma grave situação econômica os preços são instáveis e de um dia para outro os preços sobem exorbitantemente. Não tínhamos onde dormir, meus filhos estavam assustados falavam: - mãe liga para papai! quando eles viam a policia militar com as armas achavam que algo grave acontecia, dizendo: - mãe que acontece? Liga para papai, vamos para casa. Aonde vamos a dormir? Eu falava: - Calma! Mas por dentro só queria chorar, tinha que ser forte por eles, eu sou Cristã evangélica para glória de Deus, pedindo muito a ele para nos guardar da noite longa que se vinha, passei a noite toda vigiando as crianças e as malas enquanto eles descansavam um pouco, o frio era inclemente, tinham também muitos bebes pequenos chorando imagino que por o frio.

No outro dia com as forças que ainda restavam conseguimos dirigirmos para o centro de documentação, uma mulher brasileira passou e diz: - Quer café de manhã? Respondendo de imediato: - sim, por favor, meus filhos estão com muita fome, ela deu alguns pães e cafés, foi uma benção imensa sob essas circunstancias o acolhimento de aquela mulher com meus filhos foi um presente de Deus. Após, conhecemos um jovem nunca vou esquecer de suas palavras, ele pedia perdão por se eu tinha sofrido algum constrangimento na sua nação. Falava mais o menos o espanhol, eu contei-lhe como foi

nosso caminho e parte da noite nesse lugar de repente entra meu filho mais novo e diz: - Mãe! Fala para ele se sabe de algum lugar onde possamos nos abrigar, não quero dormir mais na rua, ele nos pode ajudar? Por favor, liga para papai! Eu sem saber o que dizer, respirei e diz: Calma, Espera! Deixa-me falar. O jovem Davi entendeu tudo o que meu filho falou, Respondendo assim: - Vou ver em que te posso ajudar, tem um abrigo na cidade, só que dão prioridade a crianças menores como bebês e recém-nascidos, ficando eu agora preocupada. -Só Deus em nosso agir! Após, nos dirigimos para aquele refugio que nos mencionou o jovem Davi conseguindo assim vagas no mesmo.

A população nesse local era imensa, baixo leis e normas de comportamento, higiene e alimentação. Ao entrar nos falaram das regras a cumprir, tínhamos que acordar às cinco horas da manhã, tomar banho e café da manhã, primeiro as crianças e logo após os adultos, assim passei cinco dias até chegar minha documentação, desde que entramos nos disseram que poderíamos permanecer no local até dois meses, depois desse tempo podíamos passar optar por vagas em outro refugio situado em Boa Vista-Roraima, passamos o primeiro mês lá, era um dezembro nada fácil sem meu esposo e minha família, ao menos podíamos fazer ligações gratuitas no refúgio, sendo assim conseguia falar com meu esposo na condição de ser ligação rápida.

Por fim um dia ele conseguiu vir até nos, senti que o coração disparava, a ansiedade aumentava quando o vi foi uma emoção muito grande foram horas de choros e abraços, ilusiones restaurados e planos refeitos, ele dizia o tempo todo “tudo vai melhorar”. Programou para que nos fossemos a outro refugio onde tal vez nos da oportunidade de obter as passagens por médio de um projeto chamado “reencontro familiar”. Com algum tempo transcorrido nos realocamos em Boa Vista-Roraima, esperávamos por os passagens do projeto do refugio chamado “Roraima 1” aquela mudança foi forte muita gente de diferentes países, culturas, saberes e caráteres misturados, apesar de que no lugar tinham diretrizes a maioria das vezes não eram respeitadas, novamente mas agora juntos estávamos meu esposo e filhos fazendo pedido de reencontro familiar juntos em uma carpa com outra família que esperava o mesmo. Deus sempre de nosso lado ajudando a sobrelevar aquela situação, alguns dias depois passamos a outro refúgio ficava ao lado de “Roraima 2” onde saiam as viagens, o acolhimento foi bom no início ficando sozinhos em una carpa familiar.

Com o tempo prestei meus serviços de primeiros socorros, ajudando como podia, mas também adoeci como escreve anteriormente tinham pessoas de muitos lugares diferentes, não cumpriam as diretrizes de higiene básicas e os banheiros não eram bem higienizados nem cuidados, aquilo era uma situação quase insuportável,

ainda assim pensava no futuro da minha família e a fé em Deus nunca faltou, ele era minha força. Às vezes falava para meu esposo: - quero minha casa temo pela saúde de meus filhos. Ele falava: - Aguenta, já já vai sair uma viagem. Ainda assim que tendo acolhimento como recepção aos imigrantes vulnerais é difícil estar em um país diferente, passar por situações inevitáveis baixo as condições nas que estávamos submetidos, poderia falar ainda mais encontros e desencontros, mas prefiro que este texto sirva como uma forma de refletir minha gratidão ante um país que me abriu as portas com um acolhimento que poucos países são capazes de adotar em tão pouco tempo, uma das coisas que eu quero agradecer é que estou com minha família, esposo e filhos. Ainda deixando uns de meus tesouros mais valiosos lá na Venezuela, minha mamãe.

Hoje depois de muitas lutas e provas estamos aqui, ao final de contas saiu nossa viagem a Porto Velho; meu esposo esta trabalhando e aqui continuamos esperando só estabelecermos e conseguir algo para chamar de nosso. Grata a Deus por ter conhecido muitas pessoas maravilhosas e lindas no coração. Brasil é um país com um coração grande e peço a Deus que abençoe a todos e continuemos trabalhando e orando para que cada dia sejamos mais os colaboradores que fortalecem aquela rede de irmãos que atendem aos que mais precisam de nós amem.



Autora: Mercy Centeno nasceu em 2 de Julho de 1981 em Anzoategui-Venezuela. É Técnico em Secretariado e Administração. Atualmente mora em Porto Velho-RO.

Para as terras acima das águas

Aqui estou eu, como sempre, sentado à janela, a observar o mundo à noite, à noite e durante o dia, um estranho mundo de humanos... Há certas exceções (como no caso de Sara) ela pertence à raça humana, mas não pensa como eles, mas como nós, os gatos. Ela sente o nosso lugar neste universo. Ao contrário dos humanos comuns, ela percebe que este mundo pertence aos felinos e não aos animais supostamente racionais que o habitam.

Quão racional pode ela ser, uma entidade que tem vindo a destruir gradualmente este planeta? Um ser egoísta e sem alma, que só pensa em si próprio, não se preocupa com a natureza e é conduzido apenas pela ganância, inveja, egoísmo, idolatria. Eles acreditam que a morte é o fim de tudo e não concebem que ela representa apenas a passagem para uma dimensão mais próxima do criador (quer se chame Alá, Vishnu, Jesus ou o Grande Gato). Sabemos que este presente é apenas um trampolim no longo caminho para o criador e porque não o derradeiro grande gato.

Os meus cinco irmãos e eu estamos impacientemente à espera do dia em que Sara irá dizer o seu primeiro miau e tornar-se um de nós. Cada dia o seu riso é mais tipo um

miar, as suas pupilas mais verticais e o seu pelo mais lustroso, ela parece mais um de nos. Ontem olhei para as suas mãos e pensei poder perceber nelas belas garras capazes de nos coçar a barriga de uma forma completa. Esperamos por ti Sara, todos os dias que nos dás um Miau sincero da tua alma, só assim confirmaremos que as nossas vidas presentes, passadas e futuras neste universo partilhado não são em vão.

Um dia, Sara recebeu uma chama que a deixou muito agitada e nessa mesma noite, depois de nos servir comida, acariciou-nos como sempre e, soluçando, disse-nos que tinha de viajar para outras terras, mas não queria ser separada de nós... Fez muitas ligações, até que finalmente nos deu a notícia de que nos levaria consigo para viajarmos para outras terras num barco. Quando o dia chegou, ela preparou-nos para aquela ansiada viagem, querendo-a fazer feliz, nenhum dos meus irmãos e eu resistimos.

Na viagem observamos como a nossa amada Sara era tratada por outros humanos da sua raça, mas não da mesma nacionalidade e, às vezes era tratada de forma singular por ser do sexo feminino, coisa similar a o que acontece no nosso reino animal em certas épocas. O barco parava em todos os portos, avistamos diferentes multidões entre elas outras famílias com crianças pequenas subindo e descendo, sempre alguém nas portas

pedindo alguns papeis, acho que precisavam para conseguir entrar. Sara em aflição por as multidões e o dever conosco começou a mudar a nossa comida de horários para agradar a estas pessoas, elas viram-na como uma imigrante muito condescendente e abnegada, ela observava-nos sempre como seus alunos quase verticalmente.

A viagem através das águas do Grande Rio com Sara, nos acalmou, ao acariciar-nos e cuidar-nos nesses 7 dias, nas águas como nas margens havia outros tipos de animais, que descansavam, todos eles para beber das águas do grande caudal. À noite vimos a mesma lua, o mesmo céu, as mesmas estrelas que brilhavam no firmamento, como os olhos de Sara para uma grande parte dos imigrantes que estavam ansiosos, como nós, por chegar ao porto desejado, com muitos sonhos futuros e aceitação naquelas novas terras...

Para culminar a viagem, vemos sob o calor da Sara, como as famílias levaram diferentes textos religiosos para ler, e algumas orações partilhadas, mas o mesmo de sempre, aludiram ao "Criador" que os levaria a Porto Seguro, para que pudessem fazer um novo começo, Sara identificou-se com as mulheres, Ela não criticava as regatas ou as religiões, ou se tinha ideologias diferentes, estava apenas preocupada que todos naquele barco tivessem respeito uns pelos outros, compaixão e que pudessem ver o valor

de cada pessoa neste vasto mundo onde todos respiramos o mesmo ar e recebemos as chuvas do céu.

Sara foi experta em ter levado o seu velho quadro negro e marcadores conseguindo imortalizar os modelos dos nossos cestos de dormir, também se inspirou com a natureza e, diferentes bichos que admirava por o caminho estes se refletindo nas suas obras. O seu amor e respeito por o mundo animal e vegetal é de admirar, beleza única que muitos humanos deveriam se imitar.

Portanto, Sara já é um de nós, já vimos tanto em todo este vasto mundo que concluímos que é a sensibilidade feminina aquela que torna este mundo totalmente valioso para o universo. Já chegando ao novo e último Porto, sabemos que nesta nova terra teremos muitas batalhas a vencer, moldando-se com amor e coragem esperando conhecer pessoas como a nossa Sara, chegando a esta nova terra só nos toca abençoa-a com um profundo... "Miau".



Autora: Aura Rosa Alvarado Arroyo nasceu em 15 de Janeiro de 1968 no Carabobo-Venezuela, é Bacharel em Direito (UBV). Especialista em Direito das crianças e adolescentes (CPNNA). Pós-graduada em Direitos humanos e equidade de gênero (DDHH Juan Vivas Suria/ONU), mora em Porto Velho-RO.

Venezuela de meus sonhos

Venezuela, um país de tornassol
De grandes caminhos e lagos.
Estrofe de uma canção
Que alegrava minhas manhãs
Ao acordar para um novo dia na tua companhia

Um café forte como o “Llano”
Preto como a sombra
Que agora opaca nosso céu
Agora com tempos difíceis
Imagens de rostos abatidos
Que dormem, mas não sonham
Só deambulam pelas ruas
Procurando em cada rachadura
Em cada passo aquele sorriso perdido.

Aquele título que um dia ganhamos
De país mais feliz do mundo
Vê-se em perigo de extinção
Bebo outro pouco do meu café
e continuo entonando a canção:
Amanhã quando eu for embora
Você ficará tão sozinha
Minha Venezuela da alma
Minha Venezuela bonita.

Meus passos percorrem hoje
Longos e distantes caminhos
Mas o bom filho sempre volta para casa
Sem importar que esteja perdido.

Longe de ti, respirarei novos ares
Gostarei de muitas outras flores
E sempre estarão na minha mente
Teus campos multicolores
Voltar-te ver é um sonho recorrente
Caminhar pelos teus sendeiros e abraçar a toda minha gente
Sonhar com a minha Venezuela é um sonho latente
Motiva-me cada dia semear neste mundo, fraternidade.

Tânia Pacheco

Amantes de domingo

Maravilhosa manhã de domingo
Para se sentir a quatro mãos.
Perceber o silêncio
Ocupado pelas caricias de dois corpos
Só deixam espaço para sentir e amar.
O acolhimento das Palmas
Encontram-se e se entrelaçam conforme os minutos vão
passando, Em um relógio sem tempo.
É domingo para descansar o corpo e alma.
Tocar é se reencontrar com a tranquilidade
De uma manhã chuvosa
Onde o ar do inverno
Entra pela janela
E o trinar das aves
Acariciam os ouvidos de dois amantes
Que se reencontram neste domingo tão esperado.



Autora: Tania Griselda Pacheco de Prado nasceu em 30 de Julho de 1963 em Aragua-Venezuela. É Técnico Superior em Recursos Humanos, casada, mãe de 3 filhos, atualmente ocupa o cargo de Educadora Social idealizando projetos como o "Orinoco" na Fundação Caritas Brasileira desempenhando o papel de inserção social para imigrantes, Waraos e moradores de rua. Atualmente mora em Porto Velho- RO.

Essa voz

Quero ser aquela voz
Aquele que viaja entre sua mente e lábios
Que sai quando no interior não se acha
Aquele desejo de mudança
Que não sabe esconder a verdade.

Medita a consciência
Que questiona sua realidade
Apesar de que o medo
Tenha o desejo de silenciá-lo
Ela todo consegue
Sua força de coragem é maior

Ela entende sobre o tema
Cada desafio
há de transformar em troféu
É aquela que vai e vem
Quando é movida
Também por a revolução

Aquele que se sente mais viva
Quando sente suas raízes
Aquele voz que depende só dela
Não se vende nem apaga
Como me faria feliz soar aquela voz.

Tudo começou com a inquietude de um sonho

Nove de dezembro de 1994, às 01h15m da madrugada, dois olhos castanhos escuros se abriram pela primeira vez. Uma menina calma que mal se ouvia chorar, - é tão calma! Murmuraram as companheiras de quarto da mãe em um hospital público da capital.

A mãe dela se dedicava a ser “dona de lar” (é o que dizem das mulheres que não exercem alguma profissão remunerada), e com o pouco tempo que lhe restava estudava ou tentava, seu sonho era se formar na educação, mas as circunstâncias eram diferentes, ela iniciaria com seus filhos.

O pai, um homem simples, sua maior vitória era quando conseguia descansar o dia todo. Apegado demais ao trabalho, dificilmente ficava em casa já que a possibilidade de faltar alimento em casa lhe passava pela cabeça, tendo uma família que dependia totalmente dele dificilmente tinha vida fora do trabalho. Responsável pelas contas, sem se concentrar tanto no futuro, sobrevivendo ao presente. Uma casa comum em um bairro comum de classe baixa. Vizinhos peculiares todos diferentes, mas ao

mesmo tempo iguais, seguindo o mesmo estereótipo do que uma pessoa normal deveria ser. Pensamentos diferentes eram escassos, pois se fossem, seriam discriminados.

Nesse ambiente começou a crescer aquela menina calma do hospital. Depois de pouco tempo chegou à adolescência e muitas curiosidades ressoaram sua cabeça, Por qual caminho seguir ou qual seria o destino que teria que tomar, sendo que ao intentar refletir sua personalidade em outra pessoa não conseguia enxergar-se, nem mesmo com as pessoas mais próximas a ela se conseguia identificar, pessoas como seus amigos ou mesmo sua mãe ela questionou o porquê de tantas injustiças e contradições. Para uma menina da sua idade abordava temas polêmicos como o porquê um menino tinha mais liberdades que uma menina, ou porque impõem que determinada brincadeira é a correta dependendo do sexo. Já para a menina quedava ajudar a cuidar da casa, irmãos mais novos e é claro o velho discurso de que: - que de bom tem a rua para uma menina.

Com o passar do tempo, começou a crescer naquela menina um sentimento que não cabia, ela se sentia promovida a ser um enfeite no estante, será que é assim que vou passar o resto da minha vida?

Mas tinha uma voz dentro de seu coração que lhe dizia o contrário, um sentimento profundo que brotou como uma flor fazendo-a sentir que podia flutuar no chão, ela se imaginava viajando por o mundo todo - imagina! Ela diz. Mas o presente persistente de novo falava alto - é impossível, mas ela tinha certeza que um dia teria sucesso.

No dia 9 de dezembro, ela finalmente tinha 15 anos, mas o sonho ainda perdurava, um novo Shopping Center tinha sido construído e com ele uma praça gigante perto da sua casa, todos queriam muito visitá-lo. E então a garota que já não era mais aquela menina avançou na sua curiosidade, - Wuooo! Nunca tinha visto tantas pessoas diferentes tão unidas no mesmo lugar. Sentiu que era necessário visitar aquele lugar diariamente.

Com o tempo foi fazendo novos amigos e com isto conheceu tantas coisas diferentes, não fazendo ideia que acharia o amor da sua vida que seria o pioneiro de seus sonhos (A ARTE). Alguns meses de descoberta e conhecimento foram gastos por aquela novata na vida, ela já fez vários amigos e entre eles conheceu alguns personagens que tinham como profissão tentar alegrar o dia das pessoas que passeavam nas ruas e praças da capital, - como podem fazer isso!? Ela disse. Eles se acostumaram a usar as ruas como seus camarotes onde se apresentavam com alegria, ela não acreditava que isso

pudesse ser possível, que essas pessoas teriam trocado oficinas por palcos dinâmicos, indo e vindo personagens pitorescos do mundo, como é que um ofício tão modesto possa ser uma ótima oportunidade para viajar por tantos lugares do mundo. Aquela menina ficou simplesmente encantada e não pensou duas vezes para decidir que assim queria ser sua vida, que queria viver as mais incríveis aventuras, poder fechar os olhos e acordar em outro lugar ficando muita emocionada com a ideia começo a praticar arduamente a arte do malabarismo circense, conseguindo se aperfeiçoar.

Hoje em dia, alguns anos se passaram desde aqueles dias e a calma menina do hospital ainda não se arrepende de ter escolhido essa valiosa e corajosa decisão embora já saibamos como é difícil e perigoso para a mulher se desvencilhar dos laços e preconceitos impostos pela sociedade, não desistir e lutar é o primeiro passo para a liberdade.

Anarquia no meu ser

Deixando o medo de lado
Com olhar crítico desde a esperança
Do belo no fim do pôr do sol
E a sabedoria que esconde o horizonte silencioso.

Pulando de pedra em pedra
Sabendo que quem luta e persevera
Só assim consegue sua verdadeira existência
Pois a beleza é relativa e o protesto necessário.

Sendo dona da minha essência
E ainda que carregue o peso dessa liberdade
Verdade sempre estará instigando-me
Sem vaidade ou estereótipo de perfeição.

Porque minha alma é salvadora
Não nasci para obedecer ou calar.
Sou ainda mais, sou fertilizante,
Sou protetora da semente chamada vida.

Sou Terra, Fogo, Ar, Água e Conceição
Sou a voz da natureza que clama
No desespero da degradação
E o desespero no coração.



Autora: Endrina Avila nasceu em 9 de dezembro de 1994, em Caracas-Venezuela. É Cantautora, artista circense, pintora, bailarina entre outras coisas. Mãe de dois filhos, que a acompanham em todas suas aventuras e compartilham os mesmos fascínios. Morou aproximadamente em 4 países, contudo, no Brasil, se dedicou a conhecer, através da arte, diferentes cidades morando 1 ano em Goiana-Goiás, 8 meses em Manaus- Amazonas, 2 anos em Brasília- DF, 1 ano em Olinda-Pernambuco. Estes textos foram escritos na sua estadia de 6 anos no Brasil, atualmente mora em Portugal.

Vai dar tudo certo

Migrante guerreiro e até profissional,
Que deixou sua terra
Para em uma nova nação morar
Com sonhos achar se inspirar
E o progresso lograr.

Com esperanças e medos,
Encheu as malas e saiu a voar
Com vontade e sentimentos
Difíceis de calar.

Passar fronteiras,
Longos caminhos andar,
Lutar contra á ansiedade
Para não a deixar ganhar.

Tudo momento me faz lembrar
Da minha família e amizades,
Longa noite de insônia me faz recordar
;Quanto quero eles abraçar!

Aprender um novo idioma
Mesmo que às vezes com erros,
Mas sempre com um pensamento:
VAI DAR TUDO CERTO!



Autora: Hendrismar Castro nasceu em 28 de Fevereiro de 1992, em Anzotegui-Venezuelana, casada, mãe de duas meninas. Lic. em Educação Integral, em Venezuela trabalhou 9 anos sendo educadora de pré-escola e ensino fundamental I, Artesã desde os 12 anos. Idealizadora da empresa “Artes de Hendris” Atualmente mora no Brasil, Porto Velho-Rondônia.

Viagem desde cuba

Lembro-me perfeitamente daquela manhã de 28 de Janeiro de 2021. O sono não tinha sido capaz de ajudar. Eu estava muito nervosa, não conseguia parar de pensar, as minhas mãos tremiam, a ansiedade corria através de mim enquanto esperava pelo movimento incessante dos ponteiros do relógio. Não sabia o que me iria acontecer, naquele momento não tinha a certeza de nada. Mas nos breves momentos de lucidez, uma coisa era clara para mim: não havia volta atrás.

Eu estava a caminho do aeroporto José Martí, meu esposo estava comigo ele estava radiante; naquela manhã em que deixamos a nossa pátria, fiquei no modo nostalgia tentando fotografar com meus olhos tudo em quanto via, nunca a tinha visto tão bonita. No ar tudo estava perfeito, foi a minha primeira vez em sair do país, lembro-me do riso nervoso quando decolamos, a ansiedade falava mais alto.

Quando chegamos a Panamá foram às primeiras horas longe do meu povo, caminhando num terreno estranho onde como diria meu povo "o yuma sou eu" (o estrangeiro sou eu); foi maravilhoso. Às 23h00m desse mesmo dia chegamos ao aeroporto da Guiana Inglesa em Georgetown. Foi aí que tudo começou realmente.

Saímos cerca de 20 minutos após o controle aduaneiro onde fomos abordados por um homem de pele escura que nos levou a um alojamento chamado "Cuba Libre", que ironia! Passamos cinco dias e cinco noites. Durante esse tempo também conhecemos uma mulher cubana, que nos disse que tinha deixado a ilha há um ano, mas que não tinha dinheiro para seguir em frente ou para ajudar a sua família. Foi ela que nos aconselhou que se tivéssemos pouco dinheiro deveríamos partir rapidamente. Ela pôs-nos em contato com uma mulher Guianesa que levava pessoas da Guiana para o Brasil.

No dia seguinte, já estávamos na estrada e pediram-nos 1200 dólares do ano 2000 para nos levar até Boa Vista-Brasil. Chegamos à noite à fronteira com outros cubanos, tudo era tão estranho, tão novo e tão traumático que os sentimentos de todos estavam no limite. Passaram-nos de um micro-ônibus ao outro e após 10 minutos chegamos a uma casa no meio do nada. Lá vivia uma família que parecia muito pobre, havia dois homens com duas ou três motos não tenho a certeza, todo aconteceu muito rapidamente. Separaram-nos em grupos e levaram-nos cerca de um quilómetro até um rio, onde nos deixaram. Nessa altura, reinava um silêncio imponente e a escuridão nos abraçava.

Após duas horas já no barco levaram-nos rio acima, sem sabermos na altura que estávamos sobre as águas do rio Amazonas.

Chegamos à outra margem onde havia uma cabana, não muito diferente da anterior, e após meia hora um táxi veio buscar-nos e levou-nos a uma grande e bela casa, já estávamos em território brasileiro.

Ficamos em Boa Vista durante um mês, após essa temporada decidimos continuar nossa viagem em um autocarro para Manaus e de lá um avião até Porto Velho. Uma vez instalados na Rodoviária, não tivemos outra escolha senão passar a noite o nosso dinheiro já tinha chegado ao fim, sendo que as passagens e estadias foram mais custosos e por tempo maior do esperado. Todos os que lá tinham chegado conosco seguiram seu caminho. Passamos aquela noite ali, desprotegidos, indefesos naquela cidade de língua estranha e sozinhos. No dia seguinte vendemos um telemóvel para que pudéssemos encontrar um lugar para passar a noite no dia seguinte e deixar as nossas coisas. Foi uma pequena vitória, conseguimos ficar num hotel não muito longe de onde já tínhamos estado e ocasionalmente consegui trabalhar num restaurante onde eles nem sequer me pagavam e atiraram-me para a rua como lixo depois de horas árduas de trabalho. Algum tempo depois saímos e num pequeno mercado perto de uma bomba de gasolina reconhecemos um compatriota que nos deu abrigo na sua casa durante muito tempo. Não tinha muito para oferecer, mas deu-nos a segurança de uma refeição quente, um telhado no meio da noite fria e o chão como uma cama resistente. Um dia, conhecemos um casal brasileiro que nos deu trabalho lá.

O meu marido ajudou a descarregar os carrinhos e eu ajudei nas tarefas domésticas. Não foi muito, mas foi o suficiente para nos sustentar. Foram também eles que nos apresentaram um homem, se bem me lembro, o seu nome era César, ele tinha uma casa numa quinta e precisava de alguém que cuidasse dela. Ali estávamos nós. era um paraíso, uma pequena casa com uma piscina a onze metros acima do nível do mar. Finalmente, pensei ter visto as portas do céu abertas e então foi quando houve a grande notícia descobri que estava grávida de dois meses. Aquelas semanas tudo era maravilhoso, o meu marido tinha um emprego numa casa vizinha com jardim e piscina tudo era cor-de-rosa.

Os meses começaram a passar e a minha gravidez estava a ter complicações. Uma noite lembro-me de ter uma dor intensa numa das minhas pernas, o inchaço e a dor eram demasiados. Partimos para o hospital, de bicicleta, não tínhamos outro caminho, estávamos a 14 km da cidade. Quando já estávamos perto, aquele momento fatal. Dois jovens saíram dos arbustos, um tinha uma faca enorme e nos ameaçavam com fazer-nos mal, eles conseguiram nos machucar, deixando alguns cortes nas costas de meu esposo. Rapidamente descemos da bicicleta, o meu esposo, conseguiu sentir como lhe pressionaram um facão contra suas costelas enquanto o outro vinha na minha direção para me pegar nossa mochila onde trazia o último telefone celular que partilhávamos e que era o nosso único meio de comunicação com as nossas famílias.

Ficamos no meio da rua e Yordano (meu esposo) correu detrás deles, mas em vão. Caminhamos o mais longe que podíamos até chegar ao pavimento e compreendi que estávamos sozinhos, um imigrante em num país estranho onde não tinha qualquer apoio. Olhei para o céu e disse: É grande e poderoso. Só você sabe o que está a fazer. No longo caminho avistamos um posto de gasolina onde conseguimos ligar para uma ambulância, fui levada para o hospital, quando viram o meu estado encaminharam-me e internaram-me na mesma noite. Fui internada durante cinco dias, durante os quais o meu marido esteve fora do hospital, mal comeu e não podia regressar a casa que também era seu trabalho.

Após aqueles dias intermináveis e esgotantes, o meu marido pôde conhecer á filha de uma amiga venezuelana que fizemos em Candeias, deu-nos abrigo na sua casa, encontrou-nos um lugar para ficarmos e ajudou-nos durante muito tempo. O seu nome era Sinai. Através dela também conhecemos uma amiga venezuelana que nos ajudou em tempos difíceis e sempre nos deu uma mãozinha seu nome era Daisi. Estivemos naquele lugar durante cinco meses, já tínhamos o nosso próprio apartamento e todo estava a correndo bem, até pensei que depois de tantas desgraças a vida nos estava dando bênçãos.

Uma noite de Junho, estava deitada a pensar e planejar em como melhorar nossas vidas, quando de repente começaram umas dores leves na barriga que começaram agravar-se ao passar dos minutos. No início estavam fracos, depois tornaram-se insuportáveis foi quando compreendi que iria dar à luz. Eu estava desesperada, não sabia o que fazer, chamei o filho do vizinho, que ainda muito jovem ajudou-me o melhor que podia, chamou-me um táxi e passados 20 minutos estava a caminho do hospital. Chegando lá me levaram por um corredor branco sem fim, ali, sozinha com fortes dores y no meio daquele lugar, lembro-me de ver médicos a correr na minha direção com macas e tantas outras coisas que nem sequer sabia para o que serviam. Levantaram-me quase desmaiando para uma cadeira de rodas dirigindo-me para a sala de partos. O médico de serviço verificou-me e disse: -Ela pode dar à luz normalmente. E foi aí que eles me deixaram. Todas elas saíram da sala e deixaram-me com duas outras mulheres grávidas no mesmo estado que eu.

Eu estava a ter contrações fortes, a moça que estava de meu lado já com muitas horas em trabalho de parto gritava por ajuda porque tinha dado à luz e o seu bebé tinha caído ao chão, com as poucas forças que me sustentavam, saí da sala e pedi ajuda no meio do corredor para que um médico viesse ajudar. Em alguns minutos uma enfermeira apareceu e ajudou-a.

Respirando profundamente e consciente de tudo, mas sem forças regressei ao meu leito, no momento em que me inclinei para sentar na maca senti o rápido e perfeito momento do nascimento da criação. Tive um bebê! durante o mais breve dos momentos em que ela me segurou nas suas minúsculas mãos e acreditei que tudo ficaria bem a partir de agora, gritei com as minhas últimas forças pedindo socorro enquanto vi a minha filha estar ficando sem oxigênio.

Uma lágrima incontrolável rolou-me bochecha abaixo, após cinco minutos cruciais, apareceu um médico vendo meu estado, disse: -Vou procurar outro médico. Não sei dizer quanto tempo lá fiquei. Um homem branco apareceu e disse-me: "Não te preocupes, já acabou tudo. Ele tirou-me o que ainda estava preso à minha filha, envolveu-a em panos e levou-a embora. Ouvi alguém dizer: agora vamos levá-la para uma curetagem, não se preocupe, é rotina. Penso que já tinha-se passado uma hora, a hora mais longa da minha vida, não sabia nada da minha filha me desesperando mais a cada minuto, queria que a terra se abrisse e me engolisse sem força nem tinha nem a força nem o desejo de continuar. Sedaram-me e depois de algum tempo acordei quando alguém me levava ruidosamente por um corredor à procura de um lugar para me deixar. Tentei levantar-me, mas o meu corpo não respondia. Perguntei então à enfermeira que

estava acontecendo comigo, aproveitei o momento para perguntar sobre meu bebê e ouvi-a dizer: Lamento, mas ela era demasiado pequena. Ela não resistiu.

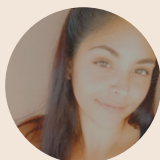
O meu mundo se desmoronava em volta. Chorei até os meus olhos não terem mais lágrimas, nessa noite algo morreu dentro de mim. Um pouco mais tarde ouvi a voz de Yordano desde o corredor, apenas nos olhamos um para o outro, e choramos juntos. Passei os três dias seguintes no hospital, tive muito tempo para pensar naquele momento como em alguns outros, a solidão era um bom conselheiro.

O tempo passou, mas a ferida carrego até hoje, dois meses mais tarde comecei a trabalhar num salão de beleza que mais tarde deixei devido à distância de casa. Estava mais forte e mais determinada do que nunca em seguir em frente sendo que minha avó, mãe e o meu pai estavam em Cuba afetados pela pandemia da COVID-19. Todos eles sofrendo com a terrível doença eu só tinha o pensamento neles. De todos eles, o meu pai foi o mais afetado, foi hospitalizado e no dia 2 de Setembro recebi a notícia de que tinha sido transferido para cuidados intensivos. Na manhã do dia 4 de Setembro recebi a notícia de sua melhora, ele estava feliz radiante. Nesse mesmo dia, 4 de Setembro de 2021, às 14h:00m, a minha mãe enviou-me uma mensagem a dizer que infelizmente o meu pai tinha falecido.

Eu não sabia o que fazer queria gritar, correr, ficar bêbada ou render-me à paz tentadora do suicídio. Passei uns dois dias na cama, o universo desabou sobre mim. Quando consegui pensar claramente, o meu marido já tinha um plano para viajar novamente, decidimos partir, não tínhamos compromissos e havia mais razões para continuar a lutar.

QUANDO FOR À PROCURA DE ALGO, NÃO REGRESSE ATÉ O OBTER.

E eu ainda não tenho atingido o objetivo pelo qual tinha deixado minha pátria. PS: Esta história é 100% verdadeira, o meu nome é María Cecilia González Zamora, tenho atualmente 19 anos de idade e sou cubana. Deixei o meu país em 28 de Janeiro de 2021 com o meu marido Yordano Viltres Madan. Estou atualmente a fazer a viagem para a Terra Prometida e tenho muito mais histórias para contar. Mas isso será noutra historia.



Autora: María Cecilia González Zamora, nasceu em 27 de Março de 2002, na cidade da Habana-Cuba, Ensino Superior incompleto, morou por ano e meio no Brasil e, atualmente, mora em Texas-EEUU.

Mulher

As lágrimas de mulher
Perfumam o horizonte
E percorrem os caminhos
Sem um destino
nem um nome.

Com o balançar da água
Molham-se as ilusões
Os desejos e saudades
Tornam-se em canções

O vento da orvalhada
Banham teu rosto bonito
A lua no seu enredo
Ilumina teu sorriso

As mulheres são como os caudais
Que se enriquecem quando se encontram
E o maior desafio
É conquistado quando triunfam.

Tânia Pacheco



ISBN 978-655376030-1



9 786553 760301